

Cinema
de
Arte

promoção

organização

direção

do

Acervo Digital

Walter
da Silveira

Clube de Cinema da Bahia



2 - Abril - 1966

“A UM PASSO DA LIBERDADE”

(“Le Trou”)

FICHA TÉCNICA:

Realização — Jacques Becker

Argumento e roteiro: Jacques Becker, Jean Aurel e José Giovanni, sobre um romance do último

Fotografia — Ghislain Cloquet

Cenografia — Rino Mondelini

Montagem — Marguerite Renoir

Interpretação — Raymond Meunier, Phillipe Bancel, Jean Keraudy Michel Constantin

Produção — Play Art-Filmsonor (Paris) — Titanus (Roma)
— 1959

Dos seus 54 anos de vida (nasceu em 1906 e morreu em 1960), Jacques Becker dedicou a maior parte ao cinema. Começou como assistente de direção de Jean Renoir, em 1932, e entre os filmes de que participou se contam sobretudo «*Madame Bovary*», «*Le crime de Monsieur Lange*», «*A grande ilusão*», «*A besta humana*» e «*La règle du jeu*», que são obras-primas do grande Renoir. Ainda durante esse tempo, foi fazendo as suas curtas-metragens, até passar para a direção em 1942 com «*Dernier atout*», já com dez anos de poderosa experiências cinematográfica.

Não foi, porém, um cineasta fecundo: treze filmes em dezoito anos como realizador.

O que importa no caso de Becker não é a fecundidade, mas a qualidade. Embora muitas vezes constrangido, por dificuldades financeiras, a filmar histórias que pouco lhe interessavam, seu estilo minucioso, nuancado, desprovido de qualquer caráter patético, influenciou profundamente o jovem cinema contemporâneo, com o seu intimismo, a evocação da vida cotidiana, a medida dos sentimentos.

Cineasta de uma probidade exemplar na construção dos roteiros e da *mise-en-scène*, Becker deixou ao menos quatro filmes de enorme importância: «*Antoine e Antoinette*» (1947), «*Amores de apache*» (1951), «*Ouro maldito*» (1953) e «*A um passo da liberdade*». De todos, «*Amores de apache*» («*Casque d'or*») foi sempre reputada a sua obra-prima, erguendo a crônica de uma época ao nível da tragédia, embora também se possa ver em «*Le trou*» um outro candidato à história definitiva do cinema.

Aqui, neste drama de uma evasão, percebe-se aquela glorificação do homem em si que permitiu se outorgar a Becker a condição de um humanista. Num relato direto, sem elipses, longo de quase duas horas, ele não só consegue vencer a possível traição da origem literária da história, como triunfar sobre a cilada cenográfica de uma ambiência única, na qual não interfere ao menos um acompanhamento musical, os ruídos transformados em todo o contraponto sonoro. Enquanto o livro de José Giovanni usava o processo do *flash-back*, que é tipicamente cinematográfico, Becker, porque cineasta fiel à simplicidade narrativa, lhe atribui um curso normal, dentro da necessidade dramática de tudo mostrar e nada esconder.

O problema humano das relações entre condenados a viver incessantemente juntos — eis o tema central do filme. No interior, entretan-

to, um problema ainda mais grave: o da traição. Becker mesmo disse que sem ele não teria realizado o filme. Quer dizer: como todos os escritores e artistas fundamentais, Becker assumia uma posição ética diante da vida e da sociedade. Um cinema ontológico e moral.

Acervo Digital

Walter
da Silveira